

Recebido em: 28-12-2023

Aceito em: 19-02-2024

BIBLIOTERAPIA E MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO: UMA ANÁLISE INICIAL

Italo Teixeira Chaves¹

Resumo: A Biblioteconomia e Ciência da Informação tem fortalecido conceitos e práticas que vão consolidando sua base disciplinar, entre estes, podemos citar a mediação da informação e a biblioterapia. Considerando as complexas possibilidades e contribuições envolvendo a relação entre esses conceitos, o presente estudo tem como objetivo central analisar o conceito de mediação da informação e de biblioterapia, de modo a compreender em quais pontos são possíveis as convergências conceituais e pragmáticas em favor das práticas mediadoras na biblioterapia. Desenvolve-se a partir de uma extensa pesquisa bibliográfica e documental no campo da Ciência da Informação, a partir de bases de dados como a BRAPCI, periódicos da CAPES e BDTD. Como resultado, fundamenta-se nos aspectos implícitos e explícitos, bem como nas dimensões da mediação da informação enquanto categorias que podem ser utilizadas para refletir e planejar as atividades de biblioterapia numa perspectiva mediadora consciente. Por fim, conclui-se que o fortalecimento das relações conceituais entre mediação da informação e biblioterapia podem potencializar os resultados das práticas biblioterapêuticas por meio da conscientização e respectivo protagonismo social consolidados pela mediação da informação. Nesse contexto, a mediação da informação implícita e explícita e as dimensões da mediação da informação podem se mostrar como categorias norteadoras para consolidar a mediação da informação na biblioterapia.

Palavras-chave: biblioterapia; leitura; mediação da informação; dimensões da mediação da informação; ciência da informação.

1 ASPECTOS INTRODUTÓRIOS: MEDIAÇÃO E LEITURA NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Durante a década de 60 Harold Borko (1968) iniciou as discussões sobre a Ciência da Informação (CI). Nesse primeiro momento a CI se caracterizava por uma ciência que poderia ser tanto de natureza pura, a partir da discussão de conceitos, como aplicada, a medida que também poderia desenvolver produtos e serviços. É uma ciência que está diretamente ligada a questões de natureza

¹ Doutorando e Mestre em Ciências da Informação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba (PPGCI/UFPB). Bacharel em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Email: italochaves55@hotmail.com.

BIBLIOTERAPIA: mediação de textos literários para a interação entre os mediados e a abertura para o diálogo



informacional, como, por exemplo, o comportamento e fluxos informacionais, bem como o acesso e uso da informação.

A Ciência da Informação é marcada por posicionamentos distintos do seu entendimento enquanto ciência. Araújo (2018) chama atenção que existem tanto aqueles cientistas que compreendem o lado mais tecnicista da área, assim como aqueles que fortalecem sua caracterização enquanto ciência humana e social. Com base nesses posicionamentos, diferentes **subáreas** de atuação foram sendo criadas, a qual se destaca, para estudo, a de comportamento informacional.

O comportamento informacional enquanto subárea está relacionado com os estudos de usuários (Araújo, 2018). Podemos compreender comportamento informacional como uma ação a qual “refere-se às atividades de busca, uso e transferência de informação nas quais uma pessoa se engaja quando identifica as próprias necessidades de informação” (Gasque; Costa, 2010, p. 22). Para fins desta investigação, importa ainda mais o **processo de busca** por informação e as potencialidades iniciais do desenvolvimento de **ações mediadoras** pelos profissionais da informação envolvidos nesses processos. Isto é, os profissionais da informação auxiliam em pesquisas, mostram caminhos possíveis e dialogam diretamente com os sujeitos, concretizando, assim, a **mediação da informação**. Os estudos contemporâneos evidenciam a mediação da informação enquanto uma subárea, onde se enfatiza a dialogicidade, contendo influências de pensadores como Paulo Freire e Vygotsky.

O cenário de pesquisas e estudos envolvendo a mediação da informação é amplo em teorias e práticas, que atravessam outras temáticas na CI, como, por exemplo, a leitura. Sá e Paula (2020, p. 620) enfatizam que “A leitura literária e os processos de apropriação da informação pelos sujeitos se apresentam como temas de pesquisas pertinentes ao campo da Ciência da Informação”. Logo, da mesma maneira que a mediação da informação está presente, a temática leitura também tem fecundado de forma consolidada o seu espaço na Ciência da Informação.

Na complexidade que envolve a leitura, há ainda um nicho que é interdisciplinar à Ciência da Informação e à Psicologia e se destaca em algumas pesquisas que buscam compreender as práticas mediacionais por um viés mais afetivo: a biblioterapia. Caldin (2001, p. 34) citando Shrodes (1943) formula que a biblioterapia funciona “como sendo um processo dinâmico de interação entre a

BIBLIOTERAPIA: mediação de textos literários para a interação entre os mediados e a abertura para o diálogo

personalidade do leitor e a literatura imaginativa, que pode atrair as emoções do leitor e liberá-las para o uso consciente e produtivo”.

Diante desses pressupostos iniciais, a respeito da mediação e da leitura na Ciência da Informação, o presente estudo tem como questionamento norteador: quais as maneiras possíveis de cruzamentos conceituais e pragmáticos entre biblioterapia e mediação da informação no âmbito da Ciência da Informação? Logo, tem como objetivo central analisar o conceito de mediação da informação e de biblioterapia, de modo a compreender em quais pontos são possíveis as convergências conceituais e pragmáticas em favor das práticas mediadoras na biblioterapia.

Para realização desta pesquisa, o autor parte de uma metodologia descritiva quanto aos objetivos propostos, com uma abordagem qualitativa, por meio do desenvolvimento de uma pesquisa bibliográfica e documental no campo da Ciência da Informação. Para tanto, utiliza-se, sobretudo, da Base de Dados em Ciência da Informação (BRAPCI), pela especificidade do assunto em CI, além de outras fontes de informação, como o portal de periódicos da CAPES. Os principais termos utilizados para as pesquisas foram mediação da informação e biblioterapia, além disso, optou-se por não estabelecer um período para pesquisa, para obter uma maior abrangência documental recuperada e possibilitar um aprofundamento conceitual nas temáticas abordadas na pesquisa.

A partir da pesquisa bibliográfica realizada, o conceito de mediação da informação é fundamentado, sobretudo, nos estudos de Almeida Júnior (2015) o qual versa sobre mediação implícita e explícita e nos estudos de Henriette Ferreira Gomes (2014, 2019, 2021) envolvendo as dimensões da mediação da informação e o protagonismo social. Para discussão conceitual envolvendo biblioterapia foram utilizadas autoras como Caldin (2001), Pinto (2005), Garcia e Ferreira (2018), Cavalcante (2020), Roza e Guimarães (2022), entre outras que abordam tanto questões conceituais como pragmáticas envolvendo o desenvolvimento da biblioterapia. A seleção dos referidos autores e autoras considerou tanto sua contribuição teórica quanto empírica, além da adequação das propostas dos estudos com a temática biblioterapia e mediação da informação, considerando, ainda, aspectos interdisciplinares com áreas da saúde, como Psicologia.

2 BIBLIOTERAPIA: BREVES NOTAS CONCEITUAIS

BIBLIOTERAPIA: mediação de textos literários para a interação entre os mediados e a abertura para o diálogo

A biblioterapia é uma temática discutida no contexto da Biblioteconomia, Ciência da Informação, Psicologia, Educação e áreas correlatas que vislumbram a possibilidade de utilizar a leitura mediada como uma forma de remédio ou terapia, como o próprio nome sugere. É, contudo, uma prática que pode caminhar por diversos segmentos envolvendo o entretenimento, o desenvolvimento pessoal, a formação de leitores em diferentes abordagens, públicos e contextos, conforme pontuam Azevedo e Oliveira (2016).

Duarte (2023) chama atenção para a biblioterapia e seu desenvolvimento teórico no cenário nacional, citando nomes clássicos como Ângela Ratton (1975), Edna Pinheiro (1998), Clarice Caldin (2001), Virginia Pinto (2005), além de autores que estão protagonizando novos estudos e discussões, como Carla Sousa (2019) e Lucas Andrade (2018). Os teóricos supracitados consideram, de modo basilar, que a biblioterapia está alicerçada nas práticas leitoras e a uma ação dialógica e afetuosa com o outro. A definição a seguir foi desenvolvida por Caldin (2001):

biblioterapia como leitura dirigida e discussão em grupo, que favorece a interação entre as pessoas, levando-as a expressarem seus sentimentos: os receios, as angústias e os anseios. Dessa forma, o homem não está mais solitário para resolver seus problemas; ele os partilha com seus semelhantes, em uma troca de experiências e valores (Caldin, 2001, p. 36).

Pinto (2005) considera que a biblioterapia é uma vivência que está apoiada em vários domínios, e, portanto, é multidisciplinar.

a biblioterapia seria a terapia por meio da leitura de livros, o que constituiria uma compreensão reducionista do termo. Entendo que a biblioterapia utiliza outras ferramentas, contemplando as várias formas de leitura, por exemplo, de textos não verbais (jogos, imagens, música) (Pinto, 2005, p. 39).

O pensamento de Pinto (2005) sobre a biblioterapia ser uma atividade múltipla, que pode se validar de vários recursos é também fortalecido por Garcia e Ferreira (2018), que citam atividades envolvendo música e dança como uma possibilidade no âmbito da biblioterapia, caso seja considerado as características do grupo. Seguimos no entendimento de leitura a partir de Paulo Freire (1989), que

BIBLIOTERAPIA: mediação de textos literários para a interação entre os mediados e a abertura para o diálogo

salienta que a leitura do mundo precede a leitura da palavra, desta maneira, filmes, músicas, danças, artes de modo geral também podem e devem ser consideradas por como uma atividade de leitura envolvendo a biblioterapia. “Ler biblioterapeuticamente é encontrar na leitura a possibilidade para a mudança”, assim sendo, “relacionada à biblioterapia, a leitura permite integração, socialização e percepção da realidade” (Garcia; Ferreira, 2018, p. 11).

Chaves, Albuquerque e Lavor Filho (2020, p. 755) fortalecem que “a biblioterapia emerge como uma prática integrativa ao humanizar as relações com a promoção de diálogos por meio do livro, leitura e literatura”, além de outras formas ou expressões artísticas que possam se somar a prática leitora. Calheira, Santos e Jesus (2020) relacionaram alguns dos principais objetivos da biblioterapia, apresentados a seguir no quadro 1:

Quadro 1 - Objetivos da biblioterapia

OBJETIVOS	FONTE
Contribuir para o leitor perceber suas emoções e dessa forma poder chegar a solução de seu problema	Caldin (2001).
Proporcionar uma interação de sentimentos, valores e ações, tendo como resultado um processo harmônico e equilibrado de crescimento e desenvolvimento pessoal	Castro; Pinheiro (2005).
Proporcionar o acesso a informações de assuntos cercados de muitos preconceitos, conseguindo assim o alívio de suas preocupações. Proporcionar o conhecimento do processo de envelhecimento sob seus aspectos psicológicos, físicos e sexuais.	Rossi, T.; Rossi, S.; Souza (2007).
Auxiliar o indivíduo na mudança de comportamento e no autoconhecimento.	Carvalho (2010).
Conduzir a pessoa a se deparar com personagens e conflitos, os quais produzem uma ilusão estética, e com isso se identificar com a situação que envolve o personagem da história. Contribuir para a pacificação das emoções, através de uma emoção resultante da tragédia: a catarse.	Bernardino et al. (2012)

Fonte: Calheira; Santos; Jesus (2020).

BIBLIOTERAPIA: mediação de textos literários para a interação entre os mediados e a abertura para o diálogo



Os objetivos da biblioterapia, embora de autores diferentes e aplicados em contextos distintos, convergem para alguns pontos específicos que merecem a atenção: 1) prioriza a interação entre os envolvidos, sobretudo o livro, o leitor e o facilitador; 2) Auxilia o indivíduo no processo de reflexão sobre ações, atitudes e comportamentos; 3) lida com o lado emocional e afetivo dos envolvidos a partir das práticas. Essa percepção nos auxiliou a compreender as principais características que estão presentes na biblioterapia, apresentadas a seguir na figura 1 e posteriormente descritas de forma aprofundada.

Figura 1 - Características da biblioterapia



Fonte: Elaborado pelo autor.

A primeira característica a se destacar é a **alteridade**, que, segundo Cavalcante (2020, p. 6) “a alteridade se dará por meio da escuta, da exterioridade e da forma como o Eu permite a presença do Outro, alguém que questiona, se insere e produz verdades”. Assim, a alteridade é uma característica presente nas ações de biblioterapia enquanto ocorre a interação do leitor com o texto, bem como com o próprio grupo. O ato de conhecer e reconhecer o diferente e as diferenças estimula

BIBLIOTERAPIA: mediação de textos literários para a interação entre os mediados e a abertura para o diálogo

o desenvolvimento da alteridade nos sujeitos e é fundamental quando pensamos na biblioterapia enquanto um processo de desenvolvimento humano.

Outra característica próxima da alteridade é a **empatia**, um atributo importante de se desenvolver e estimular durante atividades de biblioterapia. Roza e Guimarães (2022) explicam que a empatia tem tanto um caráter afetivo, quando é possível compartilhar os sentimentos de outras pessoa sem algum estímulo emocional, quanto cognitivo, se relaciona com a compreensão e reconhecimento do estado de outra pessoa. Quando falamos de atividade que envolvem a leitura literária, estas geralmente são repletas em detalhes e informações sobre a trama, de tal forma que as “descrições detalhadas de cada momento dos pensamentos e sentimentos de seus protagonistas, proporcionando, assim, uma rica oportunidade para os leitores experimentarem a empatia cognitiva” (Roza; Guimarães, 2022, p. 5).

No contexto da Biblioteconomia e Ciência da Informação, um dos locais que tradicionalmente as ações de biblioterapia ocorrem é a biblioteca. Desta forma, é preciso que os responsáveis se preocupem com a **ambiência**, de modo que o local se mostre acolhedor para interação entre os participantes. Dantas (2019) chama a atenção da importância da biblioteca no incentivo das práticas leitoras, por ser um local rodeado de livros e que seu empréstimo é gratuito, facilitando a leitura de diversas obras. Logo, a ambiência é importante para o sucesso de uma atividade de biblioterapia e, quando situada numa biblioteca, torna-se mais uma forma de aproximar os participantes de novas histórias.

Frisamos que a **leitura** é, indiscutivelmente, a característica *sine qua non* da biblioterapia. Sem leitura, não há biblioterapia, interação, diálogo, aproximação. A leitura é, portanto, o fio condutor das atividades, perpassando, de forma direta ou indireta, todas as outras características. A leitura, na prática da biblioterapia, deve ser uma leitura solidária e não uma leitura solitária (Lucas; Caldin; Silva; 2006). Isto é, uma leitura que oportunize diálogos e trocas, em um primeiro momento, o leitor com os personagens, para posterior partilha com grupos.

A **curadoria** diz respeito à atividade de selecionar os materiais potenciais a serem utilizados nas ações de biblioterapia. Deve ser realizado de modo sistemático, planejado e não arbitrário, considerando, principalmente: 1) a característica do grupo no qual participará da atividade; 2) o

BIBLIOTERAPIA: mediação de textos literários para a interação entre os mediados e a abertura para o diálogo

objetivo da biblioterapia a ser desenvolvida. “Um texto que admita múltiplos significados e sentidos, que seja um texto de prazer, que produza a fruição, que contemple, pelo menos, um dos componentes² biblioterapêuticos” (Lucas; Caldin; Silva, 2006, p.402) são aspectos que devem ser considerados na curadoria.

Considerando que estamos falando de um processo que envolve uma ação dialógica, solidária e empática, uma das características que não pode se ausentar é a **escuta**. Compreendemos que “a escuta, mais do que o ato de ouvir, deve ser sensível. É sentir o outro, sentir suas palavras, sem julgamentos ou receitas após a escuta” (Guedes; Vieira, 2021, p. 116). Assim sendo, a escuta deve estar alicerçada no acolhimento, na empatia, na alteridade e na dialogicidade, tendo como mote uma escuta sensível e solidária sobre o sentimento e sensações do outro.

O **afeto** pode estar presente em diferentes momentos, há possibilidade de existir afeto entre o leitor e a obra, por meio dos componentes biblioterapêuticos que podem ser despertados a partir da leitura, além do afeto entre participantes e facilitadores, em um encontro. Falamos aqui de um afeto fraterno, acolhedor e receptivo, que se instaura em múltiplas possibilidades entre os sujeitos numa interação complexa mediada pela palavra, a leitura e os encontros.

Compreendemos que a vida em sociedade e num contexto tecnológico atual, pode fazer com que as pessoas se sintam distantes umas das outras e de si próprias, elevando a necessidade da **humanização** na biblioterapia. Cavalcante (2020, p. 7) destaca que “leitura e educação possuem forte poder de humanização, e podem apresentar-se como veículos promotores de mudanças da realidade e para o enfrentamento e superação das crises e desafios vivenciados pela humanidade”. Essa humanização está imbricada nos processos de escuta e de aproximação das pessoas, da (re)conexão possível a partir das práticas leitoras e da mediação no encontro de biblioterapia.

Essas características descritas fazem parte, em maior ou menor grau, do desenvolvimento de atividades de biblioterapia. Entendemos que por ser uma prática múltipla, dinâmica e com inúmeras possibilidades de adaptações, outras características possam se somar as apresentadas anteriormente.

² Os componentes da biblioterapia foram elencados por Caldin (2001), sendo eles: catarse, humor, identificação, introjeção, projeção e introspecção.

BIBLIOTERAPIA: mediação de textos literários para a interação entre os mediados e a abertura para o diálogo

Contudo, entendemos que essas são importantes, sobretudo quando visamos direcionar este estudo envolvendo a biblioterapia numa perspectiva da mediação da informação.

3 BIBLIOTERAPIA PELO PRISMA DA MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO

A mediação da informação é uma das teorias contemporâneas da Ciência da Informação, estando relacionada com os estudos sobre os sujeitos, como pontua Araújo (2018). No cenário brasileiro, é uma teoria que vem sendo desenvolvida por pesquisadores como: Oswaldo Francisco de Almeida Júnior (UNESP), Sueli Bortolin (UEL), João Arlindo dos Santos Neto (UFPA), Lídia Eugênia Cavalcante (UFC), Giovanna Guedes Farias (UFC), Henriette Ferreira Gomes (UFBA), Raquel do Rosário Santos (UFBA), entre outros.

Buscando realizar uma conceituação inicial, necessária para o prosseguimento deste trabalho, nos fundamentos de Almeida Júnior (2015, p. 25, grifo nosso) que considera mediação da informação:

Toda **ação de interferência** — realizada em um processo, por um **profissional da informação** e na **ambiência** de equipamentos informacionais —, **direta ou indireta; consciente ou inconsciente; singular ou plural; individual ou coletiva; visando a apropriação de informação** que satisfaça, parcialmente e de maneira momentânea, uma necessidade informacional, gerando conflitos e novas necessidades informacionais.

Consideramos que tanto a mediação da informação quanto a biblioterapia podem ser consideradas ações de interferências, uma vez que ambas agem diretamente com os sujeitos. Esta é, portanto, a primeira convergência conceitual evidenciada entre as referidas práticas. O profissional da informação elencado no conceito de Almeida Júnior (2015) também pode aparecer na biblioterapia representado pela figura do facilitador do encontro, da ação ou da prática envolvendo a biblioterapia. À vista disso, esse profissional pode ser o bibliotecário, o professor, um psicólogo ou qualquer outro que potencialmente possa assumir a posição de mediador da informação e da leitura.

A ambiência, também mencionada por Almeida Júnior (2015) foi um ponto abordado anteriormente neste estudo como uma das características da mediação da informação. Aqui, queremos

BIBLIOTERAPIA: mediação de textos literários para a interação entre os mediados e a abertura para o diálogo

chamar atenção para as inovações tecnológicas que podem estar presentes nas práticas mediadoras envolvendo a biblioterapia. O contexto pandêmico evidenciou a importância de sabermos utilizar as tecnologias em favor da ação dialógica do acolhimento e aproximação com o outro. Dessa forma, salientamos que não só a biblioteca, a escola ou qualquer outro espaço físico é uma possibilidade para a biblioterapia, mas também os espaços digitais, com auxílio das plataformas como *Google meet*, *zoom*, *teams*, entre outras.

Almeida Júnior (2015) destaca ainda duas possibilidades envolvendo a mediação da informação: a primeira delas, **implícita**, ocorre sem a presencialidade do sujeito, de modo que o profissional da informação é o principal responsável por desenvolver a ação mediadora. Por outro lado, a mediação da informação **explícita** ocorre com a interação direta entre o profissional da informação e os sujeitos. Desenvolvemos a figura 2, apresentada a seguir, para exemplificar algumas das ações de mediação da informação implícita potencialmente presentes na biblioterapia.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Primeiramente, notamos a importância de retomar as características da biblioterapia para destacar as duas ações presentes no centro: **ambiência** e **curadoria**. Essas ações são de fundamental importância uma vez que a primeira se preocupa com a acomodação, acessibilidade e bem-estar das

BIBLIOTERAPIA: mediação de textos literários para a interação entre os mediados e a abertura para o diálogo

peças, enquanto isso, a segunda consiste em selecionar obras que sejam pertinentes e coesas à ação de biblioterapia.

Ademais, destacamos o **planejamento** que envolve uma perspectiva holística de qualquer unidade informacional que desenvolva a biblioterapia. Isto é, é preciso alinhamento e organização e empenho por parte da equipe para fazer a atividade ocorrer com êxito. Nessa mesma perspectiva salientamos o papel do **marketing** em divulgar as ações, encontros, leituras e afins. Muitas vezes algumas programações, sobretudo de bibliotecas, são pouco aproveitadas por falta de um marketing que auxilie na divulgação e disseminação da informação. Esse tipo de contratempo pode ser um desafio para qualquer unidade e, portanto, deve ser considerado.

Embora todas as ações de mediação da informação implícita supracitadas se mostrem importantes para o sucesso de uma ação de biblioterapia, ainda é uma perspectiva pouca abordada nos estudos da CI.

O caráter implícito da MI é pouco discutido, se quer lembrado, no fazer do profissional da informação que atua nos mais diversos equipamentos informacionais [...] Na organização, como não há a presença (física ou remota) do leitor/usuário, a mediação implícita ainda é pouco valorizada e a ela não é feita uma reflexão e discussão necessárias (Santos Neto, 2023, p. 76).

Mesmo não dialogando com o usuário diretamente, cada prática mencionada na mediação da informação implica o sujeito como foco. Esse entendimento de centralizar o usuário mesmo na sua ausência é um pensamento crítico que deve ser adotado, sobretudo no contexto da biblioterapia, onde se espera que se envolvam nuances subjetivas por meio da leitura para garantir a participação dos sujeitos.

A mediação da informação explícita, por abordar diretamente os sujeitos, é uma abordagem mais percebida nos estudos envolvendo a mediação. Gomes (2014) salienta que na mediação explícita podemos perceber mais claramente aspectos estéticos, éticos e formativos envolvendo a prática mediadora. Defendemos neste estudo que a mediação da informação é uma prática e um posicionamento crítico do profissional da informação, e, portanto, deve ser desenvolvida conscientemente. Conforme pontua Gomes (2014, p. 55):

BIBLIOTERAPIA: mediação de textos literários para a interação entre os mediados e a abertura para o diálogo

Quando a mediação é consciente, a dialogia assegura o exercício da crítica e torna mais evidente as incompletudes e as lacunas que provocam a desestabilização dos conhecimentos já estabilizados no sujeito. Sendo assim, percebe-se que o processo dialético é uma condição fundante da ação mediadora, que demanda do mediador da informação a abertura e a capacidade de auto-avaliação na busca do seu auto-conhecimento e superação dos próprios limites, colocando-se no processo como um sujeito implicado, que se responsabiliza pelo sucesso da ação mediadora, mas também pelo aperfeiçoando do seu próprio protagonismo.

Gomes (2019, p. 11) fortalece ainda que “as relações entre protagonismo social e mediação da informação sinalizam que o primeiro pode ser favorecido pela realização consciente da ação mediadora”. Gomes (2014, 2019, 2020) destaca em seus estudos as dimensões da mediação da informação que podem levar ao protagonismo social, considerado a mediação também uma prática que deve ser consciente.

Assim, temos a **dimensão dialógica** como a primeira dimensão. Ela está diretamente relacionada com o processo de comunicação entre os sujeitos sociais, de modo a possibilitar a geração de significações. “O processo dialógico favorecerá o exercício da crítica e a observação mais intensa e precisa das incompletudes e lacunas dos conhecimentos instituídos e estabilizados, assim como da complexidade dos fenômenos, sejam eles sociais ou naturais” (Gomes, 2019, p. 16).

O processo de comunicação faz com que os presentes tenham todos uma posição de interlocutores que comunicam, trocam e compartilham informações, tendo todos uma posição ativa e significativa. Desta maneira, podemos evidenciar a **dimensão estética** como aquela ligada ao conhecimento e a forma, de modo que o plano estético esteja compreensível e possibilite o diálogo (Gomes, 2014).

A **dimensão formativa**, por sua vez, “na medida em que à problematização e o debate são intensificados no encontro com novas informações, que permitem o contraditório e a reflexão que engendra ressignificações ou novas interpretações” (Gomes, 2020, p. 16). É uma dimensão ligada com a construção do conhecimento e a alteração do estado cognitivo dos sujeitos a partir das práticas mediadoras. Quanto a **dimensão ética**, Gomes (2014; 2020) a destaca como articuladora das demais dimensões.

BIBLIOTERAPIA: mediação de textos literários para a interação entre os mediados e a abertura para o diálogo

A mediação da informação se constitui em uma ação interacionista e dialética, na qual a diversidade deve encontrar espaço de voz, espaço de ação, exigindo a construção de um processo problematizador que respeite as diferenças e, ao mesmo tempo, assegure o espaço de expressão e interpelação de todos os participantes, sublinhando a necessária regência da dimensão ética em todo desenrolar da ação de interferência, em especial em função da intencionalidade maior da mediação que é a de contribuir com o protagonismo social (Gomes, 2020, p. 17).

Por fim, há a **dimensão política**, que ocorre na medida em que a conscientização se faz presente na mediação da informação. Essa dimensão “proporciona condições à tomada de consciência por parte de todos que fazem acontecer esta ação, uma consciência da condição de sujeitos políticos” (Gomes, 2020, p. 18), que se despem de neutralidades para assumir condições de protagonistas e sujeitos empoderados.

As referidas dimensões da mediação da informação desenvolvidas por Henriette Ferreira Gomes podem ter uma influência direta no contexto da biblioterapia. Desenvolvemos a figura 3, com o intuito de evidenciar tais possibilidades que demarcam as dimensões.



Fonte: Elaborado pelo autor.

BIBLIOTERAPIA: mediação de textos literários para a interação entre os mediados e a abertura para o diálogo

As dimensões da mediação da informação podem estar presentes na biblioterapia tanto de modo implícito quanto explícito. A partir da compreensão das dimensões, podemos observar as características que também estão presentes no processo de desenvolvimento da biblioterapia, tais como o diálogo, a empatia, alteridade e a escuta.

É importante frisar que, embora existam cinco dimensões da mediação da informação, elas não devem ser pensadas isoladamente, mas sim integradas e articuladas para potencializar o sucesso das ações de mediação da informação, inclusive no contexto da biblioterapia.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A biblioterapia e a mediação da informação são conceitos e práticas que estão sendo intensificados na Ciência da Informação, com desenvolvimento marcado por pesquisas em eventos, publicações em periódicos científicos, dissertações e teses. Embora ambos os conceitos sejam consolidados na CI, notou-se a inexistência de trabalhos que associem ambos os conceitos de modo aprofundado, deste modo, o presente estudo buscou evidências das possíveis convergências conceituais e pragmáticas existentes entre biblioterapia e mediação da informação.

Espera-se que esse trabalho se configure como uma discussão inicial para consolidar e fortalecer a articulação da biblioterapia e da mediação da informação na Ciência da Informação. Assim sendo, apresentamos aqui uma primeira contribuição teórica envolvendo as temáticas supracitadas, além de possibilidades para futuros estudos com aplicações empíricas de biblioterapia.

Entendemos que tanto a biblioterapia quanto a mediação da informação possuem conceitos que diferem entre si, deste modo, tentamos sintetizar as principais características de cada um deles para estabelecer as possíveis convergências. Por conseguinte, não foi interesse desta investigação um amplo estudo bibliográfico nos referidos conceitos, mas sim, um delineamento dialógico entre ambos.

A compreensão das principais características da biblioterapia, bem como os principais conceitos utilizados da mediação, definidos por Almeida Júnior (2015) e Gomes (2014, 2019, 2020) se mostram uma forma possível para sistematizar essa investigação. Compreendemos, contudo, que outros estudos possam ser desenvolvidos no futuro, buscando a convergências conceituais e

BIBLIOTERAPIA: mediação de textos literários para a interação entre os mediados e a abertura para o diálogo

pragmáticas a partir de novos conceitos, além de uma aplicação empírica das proposições estabelecidas neste estudo.

Por fim, conclui-se que o fortalecimento das relações conceituais entre mediação da informação e biblioterapia podem potencializar os resultados das práticas biblioterapêuticas por meio da conscientização e respectivo protagonismo social consolidados pela mediação da informação. Nesse contexto, a mediação da informação implícita e explícita e as dimensões da mediação da informação podem se mostrar como categorias norteadoras para consolidar a mediação da informação na biblioterapia.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Mediação da informação: um conceito atualizado. In: BORTOLIN, Sueli.; SANTOS NETO, João Arlindo dos.; SILVA, R. J. (org.). **Mediação oral da informação e da leitura**. Londrina: ABECIN, 2015. p. 9-32.

ANDRADE, Lucas Veras de. Cartografia de um devir: o movimento de tornar-se bibliotecário aplicador de biblioterapia. **Biblionline**, João Pessoa, v. 14, n. 1, p. 128-144, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/biblio/article/view/39575/20682>. Acesso em: 16 fev. 2024.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. **O que é Ciência da Informação**. Belo Horizonte: KMA, 2018.

AZEVEDO, Fernanda Fraga.; OLIVEIRA, Karla Haydê. Práticas e discursos acadêmicos sobre biblioterapia Desenvolvidas em Portugal. **Alábe**, Portugal, n. 14, p. 1-14, 2016. Disponível em: <http://revistaalabe.com/index/alabe/article/view/320>. Acesso em: 16 fev. 2024.

BORKO, Harold. Information science: what is it? **American Documentation**, v. 19, n.1, p. 3-5, 1968. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/asi.5090190103>. Acesso em: 16 fev. 2024.

CALDIN, Clarice Fortkamp. A leitura como função terapêutica: biblioterapia. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, n.12, p. 32-44, 2001. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2001v6n12p32>. Acesso em: 16 fev. 2024.

CALHEIRA, Fausto José Silva.; SANTOS, Raquel do Rosário.; JESUS, Ingrid Paixão de. Entrelaces entre mediação da leitura e a Biblioterapia como ações de integração social na terceira idade. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 25, n. 1, p. 3-20,

BIBLIOTERAPIA: mediação de textos literários para a interação entre os mediados e a abertura para o diálogo

dez./mar., 2019/2020. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/1649>. Acesso em: 16 fev. 2024.

CAVALCANTE, Lídia Eugenia. Mediação da leitura e alteridade na Educação Literária. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 30, n.4, p. 1-14, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/57262>. Acesso em: 16 fev. 2024.

CHAVES, Italo Teixeira; ALBUQUERQUE, Rejane Maria Façanha de; LAVOR FILHO, Tadeu Lucas de. Odisséias literárias: biblioterapia de desenvolvimento aplicada no Tribunal Regional do Trabalho do Ceará. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 25, n. 3, p. 751-765, 2020. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/1683/0>. Acesso em: 16 fev. 2024.

DUARTE, Evandro Jair. Biblioterapia: reverberação no Brasil. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 28, n. 4, p. 1-2, 2023. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/2123>. Acesso em: 16 fev. 2024.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se complementam. 23 ed. São Paulo: Cortez, 1989.

GARCIA, Joana Coeli Ribeiro.; FERREIRA, Fernanda Bernardo. Interfaces entre a biblioterapia e a responsabilidade social do bibliotecário. **Conhecimento em Ação**, Rio de Janeiro, v. 2 n. 3, p. 107-119, 2018. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rca/article/view/19215>. Acesso em: 16 fev. 2024.

GASQUE, Kelley Cristine Gonçalves Dias.; COSTA, Sely Maria de Souza. Evolução teórico-metodológica dos estudos de comportamento informacional de usuários. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 39, n. 1, 2010. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1285>. Acesso em: 16 fev. 2024.

GOMES, Henriette Ferreira. A dimensão dialógica, estética, formativa e ética da mediação da informação. **Informação & Informação**, Londrina, v. 19, n. 2, p. 46–59, 2014. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/19994>. Acesso em: 16 fev. 2024.

GOMES, Henriette Ferreira. Protagonismo Social E Mediação Da Informação. **Logeion: Filosofia da Informação**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 10–21, 2019. Disponível em: <https://revista.ibict.br/fiinf/article/view/4644>. Acesso em: 16 fev. 2024.

GOMES, Henriette Ferreira. Mediação da informação e suas dimensões dialógica, estética, formativa, ética e política: um fundamento da Ciência da Informação em favor do protagonismo social. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 30, n. 4, p. 1–23, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/57047>. Acesso em: 16 fev. 2024.

BIBLIOTERAPIA: mediação de textos literários para a interação entre os mediados e a abertura para o diálogo

GUEDES, Poliana Gomes de Oliveira.; VIEIRA, Maria Dolores dos Santos. Dialogicidade e escuta sensível: metodologias ativas de um projeto de extensão entre afetos da pandemia de covid-19.

Educação em Debate, Fortaleza, ano 43, n. 86, p. 105-120, 2021. Disponível em:

<https://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/65614>. Acesso em: 16 fev. 2024.

LUCAS, Eliane R. de Oliveira.; CALDIN, Clarice Fortkamp.; SILVA, Patrícia V. Pinheiro da. Biblioterapia para crianças em idade pré-escolar: estudo de caso. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 11 n. 3, p. 398-415, 2006. Disponível em:

<https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/23770/19235>. Acesso em: 16 fev. 2024.

PINHEIRO, Edna Gomes. Biblioterapia para o idoso projeto renascer: um relato de experiência.

Informação & Sociedade: Estudos, João Pessoa, v. 8, n.1, p.1-6, 1998. Disponível em:

<https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/431/352>. Acesso em: 16 fev. 2024.

PINTO, Virginia Bentes. A biblioterapia como campo de atuação para o bibliotecário.

Transinformação, Campinas, v. 17, n. 1, p. 31-43, 2005. Disponível em: <https://periodicos.puc-campinas.edu.br/transinfo/article/view/6347>. Acesso em: 16 fev. 2024.

RATTON, Ângela Maria Lima. Biblioterapia. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, v. 4, n. 2, p. 198-214, 1975. Disponível em: <https://brapci.inf.br/#/v/73237>. Acesso em: 16 fev. 2024.

2024.

ROZA, Sarah Aline.; GUIMARÃES, Sandra Regina K. Relações entre Leitura e Empatia: Uma Revisão Integrativa da Literatura. **Revista Psicologia: Teoria e Prática**, São Paulo, v. 24, n. 2, p. ePTPPE14051, 2022. Disponível em:

<https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/ptp/article/view/14051>. Acesso em: 16 fev. 2024.

SÁ, Jéssica Patrícia Silva de; PAULA, Cláudio Paixão Anastácio. Interlocuções entre Leitura e Ciência da Informação: análise de dissertações e teses sobre leitura literária no âmbito da CI.

Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis, v. 25, n. 3, p. 618-635, ago./dez., 2020. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/1723>. Acesso em: 16 fev. 2024.

SANTOS NETO, João Arlindo dos. Mediação implícita da informação no âmbito da Organização e Representação da Informação e do Conhecimento: relações conceituais e tendências de pesquisa.

Informação@Profissões, Londrina, v. 11, n. 2, p. 73-95, 2023. Disponível em:

<https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/infoprof/article/view/48135>. Acesso em: 16 fev. 2024.

SOUSA, Carla. Biblioterapia como recurso para a formação humana do bibliotecário. **Revista**

ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis, v. 23, n. 3, p. 362-371, 2018. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/1510>. Acesso em: 16 fev. 2024.

BIBLIOTERAPIA: mediação de textos literários para a interação entre os mediados e a abertura para o diálogo

Bibliotherapy and Information Mediation: an initial analysis

Abstract: Library and Information Science has strengthened concepts and practices that have consolidated its disciplinary base, among which we can mention information mediation and bibliotherapy. Considering the complex possibilities and contributions involving the relationship between these concepts, the present study's central objective is to analyze the concept of information mediation and bibliotherapy, in order to understand at which points conceptual and pragmatic convergences are possible in favor of mediating practices. in bibliotherapy. It is developed from extensive bibliographic and documentary research in the field of Information Science, based on databases such as BRAPCI, journals from CAPES and BDTD. As a result, it is based on implicit and explicit aspects, as well as on the dimensions of information mediation as categories that can be used to reflect and plan bibliotherapy activities from a conscious mediating perspective. It is concluded that strengthening conceptual relationships between information mediation and bibliotherapy can enhance the results of bibliotherapeutic practices through awareness and respective social protagonism consolidated by information mediation.

Keywords: bibliotherapy; reading; information mediation; dimensions of information mediation; information Science.

BIBLIOTERAPIA: mediação de textos literários para a interação entre os mediados e a abertura para o diálogo